

PATRIMÔNIO CULTURAL E PRÁTICAS DE MEMÓRIA: PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A DIVERSIDADE: PATRIMÔNIO E PRÁTICAS DE MEMÓRIA NUMA PERSPECTIVA INTERDICCIPLINAR"

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v7i2.1429>

Luisa Teixeira Andrade

Doutora em Educação e Pesquisadora do Laboratório de estudos em Ensino de História pela FaE/UFMG

lteixeira@hotmail.com



Frederico Alves Pinho

Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais

fredpinho@hotmail.com



Recebido em: 09/02/2015 – Aceito em 13/05/2015

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre o curso “Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar”, realizado no segundo semestre de 2010 em cinco cidades pólos do estado de Minas Gerais. O curso de aperfeiçoamento da Rede de Formação para a Diversidade (SECAD/MEC), coordenado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (Labepeh/ UFMG), foi ofertado na modalidade da educação à distância, por meio do sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Apesar de o curso ter sido oferecido em cinco cidades pólos, esta análise abrange apenas as duas turmas do pólo Governador Valadares. O foco da análise é o processo de aprendizagem, com atenção voltada para o conceito de patrimônio em suas relações com o tema da diversidade e com as práticas de memória. Para isso, foram explorados os fóruns, uma ferramenta muito utilizada durante o curso, através da plataforma *moodle*. Além dos fóruns, outras duas atividades desenvolvidas pelos alunos foram apreciadas: os memoriais de percurso e os materiais didáticos elaborados.

Palavras-chave: patrimônio, práticas de memória, aprendizagem

Abstract: This paper presents a study of the course “Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar”, which took place in the second term of 2010. The course was offered as a distance education module. The analyses encompassed the pole of the city of Governador Valadares. The focus of analyses is the learning processes developed in the course with an emphasis on the concept of Historical Heritage and its relationships with diversity and memory practices. We explored the on-

Introdução

Pensar em Patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial” (Gilberto Gil¹).

No campo do patrimônio cultural, prevaleceu no Brasil, durante décadas, uma atuação preservacionista estreitamente vinculada aos bens de *pedra e cal*: igrejas, prédios, conjuntos urbanos, monumentos (Chagas, 2006). Nos últimos anos, entretanto, o debate sobre o tema se ampliou. As portas do patrimônio cultural foram forçadas por novos sujeitos sociais, que puseram em marcha a reformulação do conceito. O decreto

¹Este depoimento de Gilberto Gil encontra-se no artigo Educação e Patrimônio Cultural: por uma nova atitude, de Luiz Fernando de Almeida, atual presidente do IPHAN/Ministério da Cultura, publicado na Revista Por Dentro da História, ano I, no I, Contagem Prefeitura Municipal de Contagem apud ANDRADE. O patrimônio na perspectiva da diversidade. In: Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar. Labepeh/UFMG – Secad/ME – CAED/UFMG, 2010.

3.551, de 2000, que institui o inventário e o registro dos patrimônios imateriais e intangíveis, consagra a nova perspectiva. A concepção iluminista de cultura como civilização e erudição dá lugar a um conceito antropológico, no qual a diversidade figura como eixo. Nesse contexto, segmentos sociais diversos reivindicam lugar de destaque para manifestações culturais distintas. As grandes narrativas nacionais e épicas fraquejam, ao mesmo tempo em que as narrativas urbanas, regionais e locais entram em cena. Diante dessas transformações, as instituições educativas, interessadas em acompanhar esse movimento, veem-se obrigadas a renovar suas práticas discursivas, bem como suas estratégias de uso de bens culturais como recurso didático. Para tanto, o poder público se mobiliza, organizando seminários e cursos de formação de professores com foco retido nas relações entre patrimônio, diversidade e memória. Entretanto, é difícil avaliar a eficácia desses eventos, pois ainda são escassos os relatos de experiência em cursos que abordaram esta temática (Pinho, 2012). Esta lacuna suscita algumas questões: a reformulação do conceito de patrimônio cultural encontra eco nas escolas? Os professores possuem recursos materiais e conceituais que lhes permitam desenvolver atividades no campo da educação patrimonial? Os cursos ofertados pelo poder público, estão contribuindo significativamente para a reflexão sobre o conceito de patrimônio? Novas estratégias de uso dos bens culturais estão sendo organizadas nas escolas?

Este artigo apresenta um estudo sobre o curso "Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar", realizado no segundo semestre de 2010 cujo objetivo central foi a oferta de formação continuada dos professores da Educação Básica e demais profissionais da educação tendo como foco as práticas de memória e o patrimônio em diálogo com a história local. O curso de aperfeiçoamento da Rede de Formação para a Diversidade (SECAD/MEC), coordenado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (Labepeh/ UFMG), foi ofertado na modalidade da educação à distância, por meio do sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Apesar de o curso ter sido oferecido em cinco cidades pólos, esta análise abrange apenas as duas turmas de Governador Valadares (repetido). Antes de iniciarmos a análise dos dados, faremos uma breve apresentação do perfil dos cursistas, seguida por uma apresentação do curso. Porém, o foco da análise é o processo de aprendizagem, com atenção voltada para o conceito de patrimônio em suas relações com o tema da diversidade e com as práticas de memória. Por isso, foram explorados os fóruns, uma ferramenta muito utilizada durante o curso, através da plataforma *moodle*. Além dos fóruns, outras duas atividades desenvolvidas pelos alunos foram apreciadas: os memoriais de percurso e os materiais didáticos elaborados.

O perfil dos cursistas

A duas turmas de Governador Valadares totalizavam 46 alunos sendo 29 mulheres e 17 homens. Esse universo possui pouca diversidade quanto à origem dos seus alunos. Trinta e três são de Governador Valadares e os outros estão assim distribuídos: Sobrália (01), Itabira (01), Santa Rita de Minas (05), São Sebastião do Paraíso (01), Timóteo (01), Teófilo Otoni (01), Alpercata (01), Açucena (01) e Gonzaga (01). À exceção do aluno de Alpercata que trabalha em Governador Valadares, os outros residem e trabalham na mesma cidade de origem.

Quanto a faixa etária, 14 alunos possuem mais de 35 anos. Há um público relativamente jovem (menos de 30 anos) de 18 alunos. O público destaca-se por ser essencialmente feminino (há apenas sete homens em um grupo de 52 alunos).

Em relação à formação há a dominância de profissionais da educação, discriminados da seguinte forma: Pedagogia (14); História (08); Letras (03); Normal Superior (02); Educação Física (01); Serviço Social (01); Artes Cênicas e Teatro (01); Ciências Sociais (01); Nutrição (02); Ciências Biológicas (01); Licenciatura em Artes (01); Licenciatura em Música (01); Tecnologia em Secretariado (01); Turismo (01); Ciências Biológicas (01); Direito (01). Sobre a formação em pós-graduação: temos 17 alunos com ao menos uma pós-graduação e um aluno mestrando em História na Universidade Federal de São João Del Rei.

No que diz respeito ao tempo de docência, 18 alunos atuam na educação há mais de 10 anos, enquanto os demais não atuam. As profissões são assim classificadas: 30 professores; 06 pedagogos; 01 funcionário público; 04 educadores sociais.

Apresentação do curso

No período de agosto a dezembro de 2010, foi realizado o curso “Produção de Materiais didáticos para a diversidade: práticas de memória e patrimônio em uma perspectiva interdisciplinar”, de modalidade semi-presencial, vinculado a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, Secad/MEC e pertencente à Rede de Educação para a Diversidade. Ele foi ofertado, no ano de 2010, nos pólos de Araçuaí, Conceição do Mato Dentro, Confins, Governador Valadares e Juiz de fora. O curso ofereceu 50 vagas para alunos em cada um dos pólos. Estes foram divididos em duas turmas, separadas inclusive no ambiente virtual².

A equipe da coordenação foi composta pelas professoras Júnia Sales Pereira – FaE/UFMG (coordenadora) e Cláudia Sapag Ricci – CP/UFMG (vice coordenadora). O grupo responsável pelo pólo de Governador Valadares, foco deste trabalho, foi formada por uma professora-formadora (Luísa Teixeira Andrade), um tutor de apoio (Leonardo Palhares), um tutor de referência (Frederico Alves Pinho) e duas tutoras presenciais (Úrsula Bianca Ribeiro Herzog e Érika Benigna Nascimento).

O curso teve como objetivo principal a

“formação continuada de professores e outros profissionais da educação das redes pública sobre diversidade tendo como foco as práticas de memória e patrimônio e um diálogo verticalizado com a história local. O curso visa proporcionar ao aluno o contato com discussões acerca da produção, circulação, avaliação e uso de materiais didáticos para a diversidade” (Pereira e Ricci, Projeto do curso, 2010).

A perspectiva central foi possibilitar um levantamento de práticas e saberes relacionados a região de vivência do cursista, compreendendo diversidade étnico-racial, social e de gênero nas práticas de memória e nos registros de cultura e patrimônio para, em um segundo momento, elaborarem materiais didáticos sensíveis a essas temáticas a serem validados posteriormente nos ambientes educativos.

O curso, conforme referido, foi desenvolvido de forma semi-presencial e contou com três encontros presenciais, sendo o restante da carga horária cumprida a distância, via plataforma virtual Moodle, tendo também o Portal da Rede de Formação para a Diversidade, o Portal do Secad e o Portal do professor como referência de estudo e aprofundamento.

O ambiente Moodle se configurou como um espaço colaborativo integrando cursistas, tutores e coordenadores do curso. A partir de algumas ferramentas disponíveis na plataforma os tutores acompanharam os cursistas durante todo o processo. Uma das mais importantes ferramentas de diálogo foram os Fóruns de Discussão criados tanto para estudo, discussão e problematização dos temas propostos como para acompanhamento e questionamento das propostas de materiais didáticos e memoriais a serem elaborados pelos alunos-cursistas. Outras ferramentas importantes foram as mensagens simultâneas e as avaliações feitas e entregues pelos alunos na plataforma.

O material e os textos de referência do curso foram disponibilizados em três fascículos entregues aos cursistas ao longo do trabalho de acordo com as temáticas em discussão. O primeiro deles contemplou a temática do patrimônio, história local e práticas de memória, eixos fundantes do curso. O segundo deles privilegiou a prática de pesquisa como fundamento do ensino e análises e perspectivas apresentadas pelas diferentes mídias, linguagens e suportes à prática pedagógica na produção de materiais.

²Em Governador Valadares tínhamos GV I e GV II

E o terceiro deu continuidade às discussões sobre linguagens e fontes no ensino além de abordar a diversidade – conceito central do curso – a partir de dois eixos temáticos: a questão indígena e a cultura afro-brasileira.

A metodologia fundamentou-se na proposta de desenvolvimento de um percurso de aprendizagem, que incluiu a elaboração de um memorial de percurso e a confecção de um material didático para a diversidade a partir dos eixos norteadores Memória, Patrimônio e História Local.

Assim, para analisar o(s) conceito(s) de patrimônio(s) que foram apropriados pelos alunos, possuímos um rico e múltiplo corpus analítico composto por “textos” oriundos dos vários Fóruns de Discussão, disponíveis no ambiente virtual, memoriais e materiais didáticos confeccionados pelos alunos/cursistas. Em virtude do escopo deste trabalho, fizemos um recorte no qual elegemos como foco de análise o Fórum “Observação da realidade local”, tópico “GV e seus espaços de memória”, alguns memoriais e materiais didáticos.

Conceitos de patrimônio presentes no Fórum “Observação da realidade local”, tópico “GV e seus espaços de memória”

No Fórum “Observação da realidade local”, tópico “GV e seus espaços de memória” os alunos foram gradativamente citando e tecendo “narrativas” sobre a cidade e seus patrimônios, dialogando com as perguntas dos colegas, ora respondendo-as, ora comentando-as, ora questionando-as em prol da redescoberta da cidade, daí sua escola como objeto de análise. Ele se iniciou da seguinte forma: a professora formadora abriu a discussão a partir dos dizeres:

“Caros cursistas, No cafezinho³ vocês escreveram sobre a “Princesinha do Vale”: Suas goiabeiras e suas mangueiras... Carne seca de Frei Inocência... Quiabo da ‘precatinha’... A Ibituruna tem gosto de vento e sol... Que lugares e que sabores são esses? Que relações vocês estabelecem com eles? Com quais outros lugares e espaços de memória de Governador Valadares vocês nutrem algum tipo de relação? Uma escola, uma rua, uma comida, uma praça, uma esquina, um café, um museu. Convido vocês a fazerem um levantamento desses espaços e sabores, descreverem-nos e comentar sobre suas relações com eles. O que será que a “carne seca do frei Inocência” tem de tão especial?” (Luísa Andrade, Professora Formadora, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

A partir daí os alunos principiaram um movimento de redescoberta da cidade. A região de vivência dos cursistas foi sendo ressignificada em sua diversidade étnico-racial e social, nas práticas de memória e nos registros de cultura e patrimônio. Como eram duas turmas – Governador Valadares I e Governador Valadares II – a dinâmica do fórum acabou privilegiando o tema de forma diferente.

Em GVI os “patrimônios” iniciais mencionados, ressignificados e reapropriados pelos alunos foram os “cartões postais da cidade”. A Ibituruna foi a primeira citada, conforme mostram os depoimentos a seguir:

“Desde criança o pico do Ibituruna se mostra imponente diante dos nossos olhos. Grande, alto e cheio de misterios essa montanha cercada de matas e pequenas cachoeiras é lugar de passeio e de caminhada para

³Fórum da plataforma destinado a assuntos e conversas de teor mais informal. “Uma piada, uma reza, uma música... Esse é seu espaço! Fique à vontade para conversar!” (Fórum Cafezinho)

aqueles que querem sentir a solidão do que restou de floresta. Todos que saem a procura disso buscam já pela madrugada iniciar os andares rumo ao pico mais alto. Mesmo fora da época de campeonato de Paragliders é gostoso sentir que chegar ao pico traz a sensação de superar limites. Quando criança sentia que o rio era companhia para a imponência do pico. Sua grandeza, sua beleza, suas ilhotas. Tudo era belo e fez parte dos primeiros aprendizados de muitas crianças, inclusive a minha infância. Nada, caçar cachos de bananas e peixes. hum!” (Aluno I, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Da terra da carne seca eu avisto a Ibituruna Da varanda da casa na “precatinha”... degustando seu prato típico, eu avisto a Ibituruna. Voltando de viagem, faltando quilômetros e quilômetros eu já avisto a Ibituruna, ai fico feliz, pois estou chegando à Princesinha do Vale. Avisto, avisto, avisto..... eu não me canso de sua beleza! (Aluno II, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Quando retornamos a cidade ao fazermos uma viagem à primeira visão que procuramos é aquele pico que além de imponente nos traz uma receptividade de mãe, acalentando o coração de todos. (Aluno III, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Os alunos teceram relações e significados que estabelecem com a Ibituruna. Ela (a pedra Ibituruna), deste modo, se configura como um espaço que vai muito além de um “cartão postal da cidade” pois está associada a um lugar de memória individual e coletiva, com participação na formação da identidade e auto-estima dos valadarenses. Em seguida, os cursistas buscaram a Açucareira,

Recordo também de outro local que sempre gostava de avistar, a Açucareira, um patrimônio que sempre foi história de luta em Valadares para sua recuperação, adorava lembrar das histórias que meus pais contavam que me faziam imaginar como ela era no passado, dos canaviais que a rodeava das brincadeiras que eles faziam pela redondeza, do barulho do trem que por ali passava, das águas do rio Doce que por detrás dela corria, deixando-os com saudades e me fazendo imaginar como foi bom o passado de ambos ao se divertirem por lá. (Aluno III, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

e o Rio Doce, ambos bens tombados como Patrimônio Histórico de Governador Valadares:

Destaco aqui a importância histórica do nosso velho Rio Doce. Com seus 853 Km de percurso drena os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Meus pais e avós me contam a história de quando se banhavam e lavavam a roupa nessas águas que um dia fora límpida. Ai como eu queria presenciar essa cena tão esplêndida. O Rio Doce se tornou tão importante que ganhou o nome de um vale, de universidade, imobiliária, jornal, companhias, viação, faculdade e etc. (Aluno IV, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Desse modo, eles elegeram, em primeiro lugar, os patrimônios históricos reconhecidos pelos habitantes e pelo poder público local. Aos poucos, entretanto, foram tecendo “narrativas” de forma a evocar também outros patrimônios, materiais e imateriais, alguns menos conhecidos, outros mais distantes. No depoimento a seguir o cursista Jefferson questiona a ênfase nos patrimônios oficiais em favor de uma visão mais ampliada e plural.

“Não vamos também limitar nossas honras e recordações somente aos cartões postais da cidade... Eu destaco por exemplo a rua em que cresci no bairro São Cristovão, periferia da cidade. A maior parte de minha infância a rua ainda era sem asfalto, aquela terra vermelha onde brincávamos o dia todo, alegres e sem nem ter noção de problemas da vida. O esboço da praçinha que nunca chegou a ser construída, virava nosso playground durante os dias, e era o local também onde fazíamos fogueiras pra aquecer as noites frias e ficarmos contando historias (...)” (Aluno V, GVI, [eed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297](http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297), 14/12/2010)

Esta atitude dá ensejo a outras semelhantes.

Entretanto, outros lugares menos conhecidos, mas não menos importantes também estão muito presentes em nossa história, um deles é a Lagoa da região do Grã Duquesa, hoje chamada de *Lagoa Santa*. Onde os moradores de todos os bairros vizinhos se encontram para caminhar, conversar, se divertir... As crianças brincam livremente, jovens andam em suas bicicletas, todos em contato com o pouco da paisagem natural que ainda nos resta. Essas imagens estão muito marcadas em minha memória, pois fui criada em uma cidadezinha do interior, em meio a matas, fazendas, animais... e sinto falta deste contato mais próximo com a natureza. (Aluno VI, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Parando para pensar em lugares especiais da Princesinha do Vale que fizeram e fazem parte da minha vida, me veio forte a lembrança de um lugar especial localizado na zona rural de Valadares, região onde moram meus pais, chamada de Cascalheira. Há muitos anos atrás deste local era extraído o cascalho para pavimentação de estradas e ruas na cidade. As fins de semana, minha família e grupos de amigos, íamos para lá brincar na terra, escalar os paredões feitos pelos tratores de obra. Onde a terra era fofa, rolávamos morro a baixo. Era uma aventura perfeita, divertido, ficávamos cor de terra vermelha.

Esse era um lugar gostoso e que foi interditado, pois a exploração do solo estava destruindo a mata ao seu redor. Momentos mágicos vivi ali na inocência de criança que não entendia na época, que a natureza estava sendo destruída pouco a pouco. Ainda bem que parou, pois só tempos depois fui entender que enquanto nos divertíamos a natureza sofria em nome do progresso. (Aluno VII, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Os cursistas deste modo foram aos poucos, construindo suas idéias e noções de patrimônio, antes coladas nos bens reconhecidos socialmente e oficialmente, e em seguida admitindo outros, menos destacados, ligados a outras praticas sociais mais privadas e informais. Nessa medida, os patrimônios imateriais também passaram a ser incluídos no depoimento dos alunos, que passaram a se referir aos sabores de GV, as brincadeiras da infância, etc.

Lembro dos sabores das mangas e das goiabas comidas na infância, frutas colhidas a mão, muitas das vezes roubadas do quintal do vizinho, o que permitia tombos e risadas da turma. Boas lembranças da rua Serra da Bocaina, onde tive a oportunidade de crescer, brincando de pique com os amigos, brincadeiras deixadas pela tecnologia. (Aluno VIII, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Assim, os alunos aos poucos começam a compartilhar uma noção mais ampliada e atualizada de patrimônio, admitindo que pensar em patrimônio em uma perspectiva ampliada e atualizada é incluir também “incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal” (Gilberto Gil, 2008 *apud* Andrade, 2010). No entanto, já avançadas as discussões, alguns alunos resistiram a ela, mostrando que ainda professavam uma noção de patrimônio ligada a bens tombados e reconhecidos socialmente.

Gostaria de destacar também neste fórum, a nossa biblioteca municipal, onde conseguimos encontrar variedades de acervos. Não deixando de lembrar, assim como já foi citado, o Pico Ibituruna, a Açúcareira, o Rio Doce. Diversos lugares a serem explorados e apreciados por todos. (Aluno IX, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Fato merecedor de destaque encontra-se nos depoimentos sobre o rio Doce expostos a seguir:

Antes, um rio limpo e cheio, rodeado por lindas vegetações... Hoje, um rio sujo, impróprio para consumo e com pouca vegetação a sua volta... Um rio que trouxe alegrias a muitos, mas tristezas também... Enchentes, inundações, imprevistos... Quanta tragédia que o rio causou. Mas será culpa do rio? (Aluno IV, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Outro patrimônio é o Rio Doce, importante composto para nossa paisagem e um elemento ameaçador ou ameaçado, devido às enchentes causadas no período das chuvas. Este fato é importante para mim, pois moro num bairro próximo ao rio e tenho memórias de enchentes passadas, momentos de aflição e ao mesmo de união e partilha da mesma realidade entre os moradores vizinhos. (Aluno X, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Nos depoimentos, ambas as alunas deflagram memórias não idealizadas ligadas ao Rio. Memórias de enchentes, poluição, tristeza. Esse tipo de memória aparece em apenas dois dos depoimentos desse fórum, pois em geral permanece uma visão idílica da cidade, marcada pela idealização, resgate e preservação, pouco passível de questionamentos e problematizações. Sobre isso, no próprio fórum o tutor de referência já faz tal alerta:

No entanto, para não correremos o risco de construir uma visão edênica desses lugares, precisamos reconhecer que há neles também gotas de sangue. Pessoas machucaram-se na Ibituruna, suaram a camisa na Açucareira e sofreram com as enchentes do rio Doce. A cidade é uma arena de conflitos, de tensões e de contradições. (Frederico Pinho, tutor referência, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5297>, 14/12/2010)

Em GVII os movimentos de redescoberta da cidade tiveram outras peculiaridades. Os alunos, igualmente, buscaram trazer para a cena os patrimônios oficiais e tombados como mostram os depoimentos a seguir.

Caros colegas venho reforçar que não só a santa localizada no pico da Ibituruna é tombada pelo patrimônio histórico, mas também o pico como patrimônio paisagístico. temos outros oito patrimônios tombados na cidade, a Açucareira foi o primeiro a ser tombado, em 2001. e aí quais foram os seguintes? (Aluno XI, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Sobre os patrimônios tombados no município de Governador Valadares, existe uma Lei Municipal 4646/99 que garante o tombamento de diversos bens e por conseguinte sua preservação para a posteridade. Assim, interessada na indagação da colega Cristiana fui pesquisar na internet e descobri um texto muito rico quando do tema em questão. A autora chama-se Cristiana Maria de Oliveira Guimarães e é arquiteta urbanista e escreveu um artigo "O patrimônio cultural de Governador Valadares (MG): algumas reflexões". De acordo com a mesma, existe em Governados Valadares 9 bens tombados que são o Antigo Templo Presbiteriano (que fica na rua Prudente de Moraes); o complexo da Santa, a Companhia Açucareira do Rio Doce, a Fachada da Antiga Cadeia Pública, as Fachadas da Antiga Sede dos Correios e Telégrafos e a Venda do Seu Margarido (que houve este ano - 2010 - seu destombamento) foram protegidos como bens imóveis; o Pico do Ibituruna foi tombado como Conjunto Paisagístico; e como bens móveis, o foram a Argola de Amarrar Solípedes(??? este não conheço), o Cadeira do Júri (também não conheço), a Maria Fumaça e o Pannel Cubista do Edifício Helena Soares. O texto é muito legal, informativo e apresenta fotos da cidade hoje de ontem. Quem quiser acesse <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n5/a04n5.pdf>. (Aluno XII, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Porém, além destes, eles lançaram mão de vários outros. Começaram pelos sabores de GV, dando margem ao aparecimento da "carne seca do Frei Inocência", das mangas, do quiabo de Alpercata e das bananas fritas consumidas nas festas da cidade.

Não sei ao certo o que tem a "carne seca de Frei Inocência", dizem os antigos que por ser uma região com muitos açougues, principalmente na beira da estrada onde o fluxo de pessoas é maior, a carne podia ser vendida a um preço acessível. Alguns dizem que faltava fiscalização. Hoje em dia não é mais assim, mas a fama foi construída e daí surgiu o mito da carne seca de Frei Inocência.

E sempre tem alguém querendo levar na bagagem um bom pedaço dessa famosa carne. Já na parede da minha memória guardo com carinho a lembrança do dia em que provei a tal carne de Frei Inocência. No 5º mês de gravidez, enquanto assistia a uma reportagem de tv onde os caminhoneiros, consumidores fiéis preparavam sua carne. minha boca se encheu literalmente de água. Senti um desejo enorme de comer aquela carne. Não sei se pelo fato de o repórter ser o pai da minha filha e a imagem de vê-lo provando a carne, feita numa frigideira amassada, num fogareiro e na beira da estrada. O fato é que ele trouxe, minha mãe preparou igualzinho, mas eu queria aquela carne, daquela frigideira, naquele caminhão, na beira da estrada. Coisas de grávida? Pode ser, mas a carne seca de Frei Inocência faz parte da minha memória. (Aluno XIII, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Penso que as mangas são sabores inesquecíveis, quando está na época de manga toda cidade ferve e vira uma manga só de tudo em quanto é tipo. (Aluno XIV, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Eu sempre vou nas festa de maio no santo Antonio do Pontal, Santo Antonio do Porto ou Bernardo, São município de Governador Valadares, nestas festas o que mais se consome é banana frita, Sabe Porquê? em um tempo passado, não choveu, então o feijão o milho não deu, ai por consequência não teve galinha nem porco, aquele tempo não tinham tantos bois quanto hoje, só tinha banana, ai começaram a fazer sopa de banana, angu de banana, banana frita. então até hoje nas festas juninas barraca de maio todos comem bananas fritas, sei que é a barraquinha mais freqüentada. não só em maio qualquer festa naquela região tem e terá banana frita. (Aluno XV, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Aqui há manifestação de uma ampliação do conceito de patrimônio para além da pedra e cal. A idéia de patrimônio imaterial aparece em seus discursos, pois os alunos falam dos sabores de GV vinculados às suas memoriais individuais e coletivas.

Nessa mesma perspectiva, começam a aparecer no cenário dos patrimônios locais personagens típicos do cotidiano de Governador Valadares. O aluno Everaldo abre esse mote falando de uma senhora, dona Zulmira.

Na semana passada foi proposto pelos adolescentes, no qual eu trabalhos com eles, uma visita e uma gincana para a recardação de materiais de limpeza e de higiene pessoal, para uma casa de recuperação para idosos chamada Dona Zulmira... o mais curioso é que eu tenho um adolescente que é bisneto da Dona Zulmira. Pesquisando o histórico e a vida de D. Zulmira, percebi que ela foi umas das mulheres pioneiras em nossa cidade e que teve grande participação na sociedade de nossa princesinha do vale. Então resolvi fazer um trabalho de resgate de memórias dessa mulher que teve e viveu um protagonismo feminino em nossa sociedade bem marcante a ponto de receber uma homenagem de uma casa de recuperação para idosos. (Aluno XVI, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Motivados pelos comentários sobre d. Zulmira, os cursistas iniciaram um debate que destacou outras figuras típicas da cidade, quais sejam, o senhor do ônibus, o amolador de facas, o senhor do carnaval (seu Nonó), conforme expressam os diálogos a seguir.

Pessoal, Lembrei-me recentemente daquele senhor que ficava no ônibus, ele era negro, acho que era cego, e tinha uma frase bem característica: “emburaca meu povo, dá uma esmolinha para o pobre cego.” Alguém se lembra dele? Conheceu esse personagem da história? (Aluno XVII, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Andréia, não me lembro desse senhor do ônibus, mas você me fez lembrar de outros personagens que podemos considerar como patrimônio da nossa cidade. Por exemplo, o amolador de facas, aquele que anda numa bicicleta toda enfeitada. Tem uma caixa imitando uma TV e uma outra imitando um rádio, cheia de coisinhas penduradas. Ah! e ele também anda a caráter, com capacete estilizado, meio futurista e tudo. Não tem como não olhar, é uma figura. Tentando sobreviver amolando facas, chamando atenção com seu visual tão diferente do “normal”. Tem também um outro senhor, preciso lembrar do nome dele, gostava de dançar carnaval com uma garrafa de cerveja na cabeça e sem deixar cair. Vou descobrir sobre ele. São tantos os personagens que fazem parte do cenário visual da memória de Governador Valadares. Precisamos, temos que lembrar, afinal como disse Guimarães Rosa “O que lembro, tenho”. Não teremos nada no futuro se não preservarmos o passado e o presente. (Aluno XIII, GVII, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Assim, o patrimônio de GV, na perspectiva dos alunos da turma II, se compôs de edificações históricas, mas também das “gentes”, dos “sabores”, das “festas”. Desse modo, em ambas as turmas, os alunos encararam bens tombados ou não como parte integrante de um contexto cultural que os induziu ao conhecimento da realidade, tornando-os emblemáticos como lugares sociais onde os sujeitos históricos começaram a se reconhecer em diversas facetas de seu modo de vida, no emaranhado da cidade. Desse modo, o fato de reconhecer os outros bens, aqueles não tombados e reconhecidos, significa a não sacralização dos bens oficiais e a inserção dos outros também na trama da auto-estima e da memória coletiva (Silva, 2001).

Fato merecedor de nota foi o movimento de diálogo protagonizado pelos alunos com as perguntas dos colegas, ora respondendo-as, ora comentando-as, ora questionando-as em prol da redescoberta da cidade e de seus patrimônios, conforme mostram citações a seguir:

Caros colegas, venho reforçar que não só a santa localizada no pico da Ibituruna é tombada pelo patrimônio histórico, mas também o pico como patrimônio paisagístico. Temos outros oito patrimônios tombados na cidade, a Açucareira foi o primeiro a ser tombado, em 2001. E aí quais foram os seguintes? (Aluno XVIII, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2101)

Pessoal, procurem responder a questão colocada pela Cristiana sobre quais são os demais patrimônios tombados de GV. Já sabemos do Pico da Ibituruna, da imagem de Nossa Senhora das Graças que se localiza em seu topo e da Açucareira. Quais são os demais? (...) (Luísa Andrade, professora formadora, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Queridos, sobre os patrimônios tombados no município de Governador Valadares, existe uma Lei Municipal 4646/99 que garante o tombamento de diversos bens e, por conseguinte sua preservação para a posteridade. Assim, interessada na indagação da colega Cristiana fui pesquisar na internet e descobri um texto muito rico quando do tema em questão. A autora chama-se Cristiana Maria de Oliveira Guimarães e é arquiteta urbanista e escreveu um artigo “O patrimônio cultural de Governador Valadares (MG): algumas reflexões”. De acordo com a mesma, existe em Governador Valadares 9 bens tombados que são o Antigo Templo Presbiteriano (que fica na rua Prudente de Moraes); o complexo da Santa, a Companhia Açucareira do Rio Doce, a Fachada da Antiga Cadeia Pública, as Fachadas da Antiga Sede dos Correios e Telégrafos e a Venda do Seu Margarido (que houve este ano - 2010 - seu destombamento) foram protegidos como bens imóveis; o Pico do Ibituruna foi tombado como Conjunto Paisagístico; e como bens móveis, o foram a **Argola de Amarrar Solípedes(??? este não conheço)**, o Cadeiral do Júri (também não conheço), a Maria Fumaça e o Painel Cubista do Edifício Helena Soares. O texto é muito legal, informativo e apresenta fotos da cidade hoje de ontem. Quem quiser acesse <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n5/a04n5.pdf>. (Aluno XII, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Brendinha, a Argola de amarrar solípedes, é uma argola mesmo, está chumbada no chão da Rua Marechal Floriano. Era usada para amarrar os cavalos antigamente. Foi o que ouvi dizer. Quando eu descobrir mais te conto. (Aluno XIII, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Sônia, em qual altura exatamente ficam essas argolas? Você sabe? Não sabia disso e fiquei curiosa. (Aluno XIV, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010). Gente, andei pesquisando a localização dessas argolinhas, e então me disseram que ela fica na Marechal Floriano, próximo a rodoviária, agora só falta saber exatamente, pois dizem que ela é muito pequena.... já tentei fazer contato com a secretaria de cultura da cidade, mas não consegui contato! (Aluno XVI, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

A ARGOLINHA? haaaaa, ela esta lá na Rua Marechal Floriano, próximo a Rua São Paulo, ali na caçada. Mas quase ninguém percebe. (Aluno XV, GV II, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=5296>, 14/12/2010)

Os depoimentos acima revelam que os alunos fizeram o exercício de andar pela cidade, como “caminhantes” (Silva Filho, 2003), isto é, aquele que sob o influxo da lentidão, o olhar atento e investigativo, do passo desatrelado de obrigações rígidas, livre do relógio e do mapa, percorre as ruas da cidade. Figura semelhante é a do “flaneur”, captado pelo poeta francês Charles Baudelaire, que “erra pela cidade, no emaranhado urbano de ruas e personagens, (...) que tropeça em obstáculos, enreda-se em apelos e se defronta com signos a decifrar diante da ambivalência da vida cidadina” (Pesavento, 1995). Acreditamos que os alunos não fizeram todo esse percurso do “flaneur” e do “caminhante”, mas ensaiaram passos nesse sentido. Mais um elemento que comprova isso foi o trecho do memorial da aluna Sonia em que ela socializa seu trajeto de caminhante pelas ruas de GV: “Pesquisei sobre a história de Governador Valadares e suas peculiaridades culturais. Andei pelas ruas, sempre com olhar investigativo. Observando as pessoas e os seus lugares...” (Aluno XIII, GV II, Memorial de Percurso).

À título de conclusão ficou claro que nas duas turmas os alunos foram aos poucos se apropriando de uma concepção mais ampliada e atualizada de patrimônio. Os alunos fizeram um esforço de valorização da cultura brasileira em sua rica diversidade, possibilitando o reforço da auto-estima dos indivíduos e das comunidades. Em sua maioria, e cada um a sua maneira, os cursistas teceram um elogio à cidade com vistas a “*fortalecer a identidade do povo dessa terra*” (Aluno XIII, GV II, Relatório do Material Didático). Prevaleceu, deste modo, uma visão de patrimônio marcada pela idealização, resgate e preservação, pouco passível de questionamentos e problematizações, e resistente a uma compreensão mais sensível às contradições e conflitos latentes aos patrimônios levantados. Avaliamos que a novidade do tema e o processo intenso e interno de redescoberta da cidade contribuíram para isso. (Penso que essa frase contradiz a anterior). Acho que as intervenções do curso permitiram uma ampliação das visões sobre o patrimônio sem, contudo, conseguir ainda romper com a visão idílica do passado e dos seus referentes.

Nota: Há autores que não gostam da fragmentação patrimônio material e imaterial embora o IPHAM adote essa diferenciação.

Entre memoriais: patrimônios e memórias

Na inscrição para o curso, cada cursista apresentou um pré-memorial. Nos pré-memoriais, entre outras coisas, eles trataram de experiências relacionadas à temática do curso. Depois, ao longo do processo formativo, foilhes colocado um novo desafio, a elaboração de um memorial de percurso.

Os estímulos às competências metacognitivas visavam à potencialização do processo de aprender. Tentávamos, com isso, chamar a atenção sobre a importância do conhecimento, não apenas do que se sabe, mas, também, do que não se sabe. Desta forma, os alunos poderiam regular o próprio progresso cognitivo. Para auxiliá-los, propusemos questões que os iniciassem no exercício de escrita do memorial de percurso. Eles deveriam com-

preender que esta atividade não se limitava a uma análise da trajetória, ainda que se alimentasse dela. Utilizamos, então, alguns recursos para incitar o cultivo da capacidade de avaliação, pelos sujeitos, de seus percursos, ações e formação, através de uma atividade problematizadora da experiência formativa, sem mitificações ou glorificações, mas na medida mesma das aprendizagens, dificuldades e descobertas. Para tanto, em primeiro lugar, a ferramenta virtual “fórum” foi utilizada para motivar nos cursistas, através de questões, algumas reflexões sobre seus próprios processos formativos. Eles foram instigados a pensar sobre as leituras e sobre os debates realizados durante o curso, de modo a sopesar as aprendizagens e as lacunas. A aluna Jordanna Almeida, por exemplo, compreendeu o sentido da atividade metacognitiva e avançou na avaliação do que foi aprendido:

Pelo que compreendi que seria o recurso de memorial em percurso, posso afirmar que é uma prática bastante interessante e eficaz para praticarmos a avaliação processual do andamento do curso e principalmente do nosso próprio aprendizado. Neste sentido, os textos até agora lidos tem contribuído para ampliar o meu entendimento de patrimônio cultural, de modo a extrapolar o senso comum e aprofundar no conceito teórico; reforçar o que compreendo de memória e reforçar a ideia de autor e autoria relacionada à sua diferença, ao seu lugar social, às suas influências e a sua importância no que se refere a produção de materiais didáticos para a diversidade. Esta última contribuiu para abrir meu olhar para a na minha produção acadêmica. E as compreensões anteriores, têm contribuído para refletir a minha prática, por trabalhar num programa sócio-educativo voltado para jovens, os quais vêm de diversos lugares sociais, situações juvenis e culturas juvenis (Aluno X, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=6336>, 12/12/2010).

A cursista Adriana Oliveira, por sua vez, iluminada pelos debates sobre história, memória e patrimônio, reorientou o seu olhar sobre a cidade e a sua prática pedagógica. Em sua avaliação, ela não apresentou conclusões, mas sim problemas. Com isso, ela pôde identificar algumas lacunas conceituais e desenvolver estratégias para adquirir, organizar e utilizar o seu conhecimento:

Antes mesmo do nosso primeiro encontro tivemos a oportunidade de juntos escrevermos um texto “Sabores de GV” – um poema – que me possibilitou conhecer a terra que sediará nossos encontros. Nada ou pouco sabia sobre a Princesinha do Vale, pesquisei e contribuí com a elaboração do texto. Pude lê-lo por várias vezes e perceber os vários olhares possíveis sobre um mesmo lugar. A partir daí uma dúvida começou a incomodar-me: E a história da minha região? Existem memórias registradas ou elas estão desaparecendo? Os moradores de Santa Rita de Minas reconhecem o valor de seus poucos casarões? O que temos de herança cultural? Percebi então, a necessidade de explorar o patrimônio local com as crianças de 6 a 10 anos de idade com as quais trabalho de forma que tal trabalho se estendesse às suas famílias. Os livros didáticos infantis de História, por vezes, trazem a realidade de grandes centros urbanos como São Paulo e Belo Horizonte daí, os professores terem que abusar da criatividade para junto de seus alunos “olharem” o espaço local (Aluno XIX, GVI, <http://seed.lcc.ufmg.br/mod/forum/discuss.php?d=6336>, 12/12/2010).

Ela, que não é de Governador Valadares, pôs-se a pensar sobre a própria cidade. Suas ponderações estão em sintonia com os debates relacionados ao conceito de patrimônio. Ele questiona, por exemplo, os livros didáticos, que apenas fazem referências aos grandes centros urbanos.

A participação no fórum gerou 25 comentários na turma I e 39 na turma II. Os alunos, com isso, estavam iniciados no memorial de percurso. Mas ainda precisávamos avançar nesse exercício. Portanto, no espaço físico do pólo de Governador Valadares, durante o Segundo Encontro Presencial, houve mais um momento de reflexão e esclarecimentos sobre esta atividade metacognitiva. O tutor de apoio, aproveitando-se de textos dos próprios alunos, desenvolveu uma análise sobre os memoriais de percurso. A abordagem dialógica provocou um ambiente favorável para o compartilhamento de saberes, evidenciando, assim, a importância de pensar-se o próprio processo de aprendizagem. As atividades realizadas no Encontro Presencial impulsionaram, inclusive, a participação dos cursistas no fórum.

Através das atividades sobre o memorial, pudemos verificar as principais inquietações dos cursistas. Logo ficou claro que a questão do patrimônio local seria o caminho para reflexão e construção dos materiais didáticos.

Ao iniciar a elaboração do meu material percebi uma gama de possibilidades a serem desenvolvidas, me vi indecisa, sem saber exatamente o que iria produzir. A partir dos exercícios propostos nos livros do curso, comecei a desenvolver as atividades em sala de aula e fazer a análise da reação, interesse e envolvimento dos alunos. Então decidi elaborar um material de pesquisa contendo registros do patrimônio local a sob a ótica dos bens materiais e imateriais da cultura, resgatando e documentando detalhes da história da “Niterói Valadareense” (região onde se encontra a escola em que atuo no Projovem), usando a bagagem cultural e o conhecimento dos meus alunos e alunas como matéria prima. (Aluno XX, GVI, Memorial de Percurso)

Somada à preocupação com o patrimônio, contatou-se a necessidade de se refletir sobre as múltiplas memórias que constituem a história de uma região e, com elas, sobre as formas de construção de práticas discursivas e estratégias de ação que pusessem a história a serviço da valorização da diversidade cultural brasileira.

A oferta do curso de produção de materiais didáticos para a diversidade veio num momento de grande importância para a história do Brasil. Num momento em que o social está sendo olhado com mais atenção pelo governo federal, e isso é inegável; é de vital importância que educadores formais ou informais, formadores de opinião, estejam preparados e aparelhados com suporte e material para trabalhar a diversidade que somos nesse imenso Brasil. Os livros recebidos no curso, muito me ajudaram a entender, compreender e articular as minhas idéias, o meu desejo de ver algo novo renovando a velha história, fazendo-a nova e com e através dela ajudando muita gente a se “Re-conhecer” como construtores desse país, dessa terra e de sua vida. Através dos textos e orientações recebidos por eles, pude ver que o meu desejo não era só meu, mas de tantos e tantas, que como eu querem um mundo igual e que é possível (Aluno XXI, GVI, Memorial de Percurso).

O comentário acima chama a atenção para a necessidade de reescrever a história, como forma de trazer à baila personagens e grupos sociais postos em segundo plano pela narrativa tradicional. Veja-se como esta percepção encontra-se alinhada às perspectivas que apresentam uma ampliação da noção de patrimônio cultural, que inclui os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

Sobre a importância dos textos lidos durante o curso, foram destacados aqueles explorados durante os encontros presenciais, que serviram de suporte para o desenvolvimento dos materiais didáticos. O texto “Pesquisa: um *saber fazer* no currículo escolar”, de autoria de Cláudia Sapag Ricci, e o texto “O patrimônio na perspectiva da diversidade”, de autoria de Marisa Guerra de Andrade, foram destacados nos memoriais:

Com a chegada do segundo livro pude refletir sobre as técnicas de pesquisas utilizadas, aumentando consideravelmente o potencial do material produzido. O texto **Pesquisa: um saber fazer no currículo escolar** foi o que mais se aproximou do meu trabalho (Aluno XX, GVI, Memorial de Percurso)

O texto O patrimônio na perspectiva da diversidade de Mariza Guerra de Andrade recomendado para o primeiro encontro presencial veio de encontro às minhas indagações. Pude perceber com mais clareza a importância do educador em conhecer e fazer conhecer, reconhecer e ajudar seus alunos a reconhecerem os bens patrimoniais, sua materialidade e imaterialidade, a diversidade étnica, cultural, as tradições, os saberes, etc. com toda sua riqueza e valor; ajudando-os a pensar o que e porque mudou, o que e porque permaneceu, o que mudou, mas influenciou o presente e de que forma o fez. (Aluno XIX, GVI, Memorial de Percurso)

Os memoriais revelaram também de que maneira o material bibliográfico produzido para o curso serviu aos alunos no processo de ampliação do conceito de patrimônio, relacionando-o às práticas de memória:

Para a elaboração e execução do material didático proposto foram fundamentais os textos do Curso, em especial os do livro II que apresentou uma gama de sugestões de suportes e ampliou meu olhar para o cuidado que se deve ter com todo o material utilizado: Práticas de memória na escola, de Júnia Sales Pereira e Soraia Freitas Dutra ajudou-me a valorizar as memórias e ao mesmo tempo reconhecer que memória por si só “*é mero resgate do passado histórico*”, fazendo-se necessário um diálogo entre presente e passado contextualizando as diversas memórias, recriando a história; neste ponto a vídeopalestra **O perigo de uma única História**, por Chimamanda Adichie também foi riquíssima por alertar sobre o perigo de uma visão unilateral da história, afinal, a mesma história pode ter várias versões dependendo do olhar lançado sobre a mesma. (Aluno XIX, GVI, Memorial de Percurso)

Para além dos textos lidos, foi destacada a importância do ambiente virtual como espaço para trocas entre os cursistas e membros da equipe do curso:

E o debate na plataforma, além de diminuir distancias, propôs a exposição dos vários saberes que cada um traz de sua pratica educativa. Pessoalmente, o uso da plataforma não foi complicado. Fazer a leitura dos textos e ter a oportunidade de acessar os trabalhos dos colegas como também os materiais e ferramentas usados em sala foram apoio forte para que o compromisso com o curso fosse permanente (Aluno I, GVI, Memorial de Percurso).

Ao final do curso fomos sensibilizados pelos cursistas que nos mostraram não apenas a apropriação dos conceitos propostos, mas, a sua recriação e utilização na realidade de ação de cada um.

Assim, como estudante do curso de Produção de Materiais Didáticos para a diversidade – patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar, redireciono o meu olhar sobre a minha trajetória no campo da educação e sobre a minha própria vida, num movimento dialético de pensar e repensar essa trajetória confrontando com essa atual experiência oportunizada pelo curso e traçar outros e novos rumos possíveis, no tocante a minha atuação na área da educação como pedagoga e educadora social e na minha trajetória acadêmica. “Aquilo que a memória amou, permanece eterno” (ADÉLIA PRADO). (Aluno X, GVI, Memorial de Percurso).

Enfim, a leitura dos memoriais permite-nos apreciar o processo de re-elaboração de alguns conceitos. Nas avaliações que fizeram de si mesmos, os cursistas deixaram entrever um deslocamento teórico em torno da noção de patrimônio cultural, antes limitada aos bens materiais, mas depois estendida, abrangendo também os patrimônios imateriais.

O patrimônio nos materiais didáticos produzidos

Para a elaboração de materiais didáticos, dois motes foram objeto de análise, permeando todo o curso: os conceitos de materiais didáticos e de patrimônio cultural. Logo na apresentação do livro I foi dado o conceito de materiais didáticos que norteou todo o trabalho de sua produção.

Entende-se por materiais didáticos todos os materiais elaborados e/ou utilizados para fins didáticos; materiais que se apresentem em diferentes suportes e linguagens e que possuem potencial educativo e/ou que sejam voltados à construção de conhecimentos; materiais construídos ou elaborados por professores no exercício da docência ou por especialistas; materiais que estimulem a abordagem interdisciplinar na perspectiva da diversidade (Pereira e Ricci, 2010, p. 10 e 11)

Tal conceito deslocou a centralidade dos materiais didáticos dos livros e manuais ampliando a definição para toda e qualquer atividade proposta, sistematizada, desenvolvida e avaliada em espaços educativos. Assim, os jogos; as brincadeiras; a organização de seminários; a sistematização de projetos de registro e análise de relatos sobre a história local; os projetos e pesquisas com imagens; e qualquer outra atividade desenvolvida no interior de espaços educativos são, em sua ampla acepção, materiais didáticos.

Nos primeiros encontros presenciais os cursistas questionaram o que deveria ser produzido. A pergunta comum foi: "vamos produzir livros didáticos?". A normalidade da questão, já que o livro didático é um dos principais recursos midiáticos utilizados nas escolas, nos trouxe a necessidade da reflexão da escola como espaço de ensino e pesquisa. Nesse sentido, foi colocada a necessidade da reflexão crítica e dialogada em todos os momentos elaboração do material didático: desde a escolha ao tema e recursos materiais utilizados para trabalhar o tema (filmes, música, relatos, poemas, etc.), passando pelo método de utilização destes recursos até a etapa de avaliação da atividade como um todo, incluindo aí a interação dos participantes com o material proposto. A questão chave colocada foi, portanto a pesquisa como um saber fazer no currículo escolar.

Assim, os alunos enfrentaram o desafio de construir materiais didáticos que instigassem a pesquisa e a reflexão sobre o patrimônio cultural. As questões relacionadas ao "patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar" nortearam nossas ações e intervenções e os materiais didáticos produzidos atenderam a esta demanda partindo do entendimento de que patrimônio não é apenas o bem edificado e reconhecido pelas autoridades legais como tal, mas, como destacou Guerra (2010) o "*patrimônio é algo vivo. E é assunto do dia-a-dia. Para qualquer grupo social o patrimônio é importante porque ele possibilita coesão ao grupo ou à comunidade.*" (p. 73). A Carta de Veneza em 1964 destacou que, mais do que o bem edificado, é necessário refletir e incluir os seres humanos como construtores e produtores de saberes que são patrimônios culturais de uma região ou de toda a humanidade.

O patrimônio, por ser algo vivo e presente no dia-a-dia, está constantemente se transformando e ganhando dimensões outras, frutos de cada tempo e povo. Foi esta concepção de patrimônio cultural que, trabalhada no curso, encontrou um tenso espaço de disputa, marcado por concepções destoantes: ora de valorização dos lugares memória definidos pela história oficial como patrimônios da cidade, ora de inclusão de patrimônios marginais e não oficiais. O debate que permeou o curso levou à construção de trinta projetos de elaboração de materiais didáticos. Destacamos a seguir três projetos que são exemplos dos debates em torno da questão do patrimônio cultural.

Projeto 1: "PEÇA TEATRAL 'PACA E OS SEUS LUGARES DE MEMÓRIA'."

Cursista: Aluno XXI, GVII, Projeto "Material Didático"

A atividade proposta foi indicada para ser desenvolvida com alunos dos anos finais do ensino fundamental (8º e 9º) e ensino médio. O cursista destacou a necessidade do conhecimento da história local com foco principal na construção do espaço pelos seus moradores:

Um lugar é construído por seus habitantes e pelas significações que estabelecem com o meio. Tais significações são construídas através das experiências diárias e das lembranças trazidas à tona pela memória dos moradores. Segundo Luís Reznik (2010), somos constituídos por nossa memória, que assegura a formação de laços sociais. Nas comunidades pequenas, onde há poucos materiais de memória escritos ou gravados, o depoimento oral constitui o meio privilegiado para aferição dos variados significados atribuídos pelos moradores aos diversos espaços sócio-territoriais.

Projeto 2: "AS FONTES ORAIS SOBRE A PRODUÇÃO E FABRICAÇÃO DA CACHAÇA EM AÇUCENA – RESGATANDO AS CULTURAS LOCAIS"

Cursistas: Alunos XXII e XXIII, GVII, Projeto "Material Didático"

Este projeto culminou na produção de *folders* informativos sobre a produção artesanal de cachaça. Os alunos que desenvolveram o trabalho são das séries finais do ensino fundamental (6º a 9º ano). Utilizaram os relatos dos produtores de cachaça da região de Açucena, fotografias e desenhos ilustrativos para informar sobre o processo de produção do produto. Com este trabalho, buscaram a valorização da história e da cultura local, como relataram no projeto:

A cultura regional do município de Açucena vem sendo pouco valorizada. Mesmo os adultos não se interessam mais por movimentos culturais que, desta forma, só existem na memória dos poucos idosos que lembram saudosistas do seu tempo de juventude. O desinteresse dos jovens pelo resgate de tais culturas, pode ser atribuído ao crescimento e ao avanço tecnológico que por seu dinamismo apresentam aos jovens entretenimentos que dispensam contato direto com as pessoas.

Projeto 3: “CONSTRUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO ‘MARIA DO VALE’ ”

Cursista: Aluno XIII, GVII, Projeto “Material Didático”

Neste trabalho é destacada a ausência de materiais didáticos, em especial livros paradidáticos, que abordem a questão da história local para alunos de cidades interioranas. O foco é geralmente estadual ou nacional, o que é amplo e não possibilita aos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental o contato com saberes da história local. Como escreveu a cursista:

“As discussões sobre o ensino e a prática da produção do conhecimento histórico, esbarram sempre na falta de material didático adequado. Os livros didáticos não são elaborados para uma região única. Seu conteúdo, embora vise o desenvolvimento do aluno, não contempla aspectos singulares das regiões. Por esse motivo, quando se fala em patrimônio e memória local, espera-se que o professor esteja atento para realizar as devidas intervenções e consiga a contextualização do tema. Caso contrário nada fará sentido”.

Considerações finais

Espera-se do estudo da história que cada um reflita sobre o lugar em que se encontra no mundo atual, formulando ideias sobre si e sobre os que estão ao seu redor. Em outras palavras, o exercício de pensar e repensar o passado deve possibilitar a reflexão sobre quem somos e queremos ser (Reznik, 2010, p.92).

Apresentamos, neste trabalho, um relato de experiência sobre o “Curso de produção de materiais didáticos para a diversidade”. Com isso, esperamos contribuir para as reflexões na área da educação para o patrimônio, a partir de análises dos processos de (re)construção do conceito de patrimônio cultural, vinculado às noções de memória e diversidade. O exame privilegiou as vozes dos cursistas, como forma de ressaltar o movimento reflexivo em torno dos conceitos enfocados. O texto, escrito por sujeitos que participaram do processo – a professora formadora e os tutores à distância –, evidencia a perspectiva dos autores, que agenciaram estratégias e conceitos com vistas a instrumentalizar os professores e agentes da educação a trabalhar com as ferramentas teóricas e materiais adequadas na promoção de um ensino sensível a diversidade cultural.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marta e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009
- ANDRADE, Mariza Guerra de. O patrimônio na perspectiva da Diversidade. In: *Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar*. Labepoh/UFMG – Secad/MEC – CAED/UFMG, 2010.
- CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.
- PEREIRA, Junia Sales e DUTRA, Soraia Freitas. Práticas de Memória na escola. In: *Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Di-*

- versidade: *Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar*. Labepeh/UFMG – Secad/MEC – CAED/UFMG, 2010.
- PEREIRA, Júnia Sales e RICCI, Cláudia Sapas. *Projeto do Curso Produção de Materiais didáticos para a diversidade: Patrimônio e Práticas de memória em uma perspectiva interdisciplinar*. Edital 06/2009 / SECAD / MEC.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, no 16, 1995, p.279-290.
- PINHO, Frederico Alves (2012). *TECENDO NARRATIVAS, COSTURANDO TEMPOS: ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS*. Dissertação de Mestrado. UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- REZNIK, Luiz. História Local e Práticas de Memória. In: *Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar*. Labepeh/UFMG – Secad/MEC – CAED/UFMG, 2010.
- RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa: um saber fazer no currículo escolar. In: *Livro II – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar*. Labepeh/UFMG – Secad/MEC – CAED/UFMG, 2010.
- SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. A cidade e o patrimônio histórico. In: *Cadernos PauloFreire*. Vol. 1. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003 apud RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.
- SILVA, José Borzacchiello da. *Nas trilhas da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2001. (Outras Histórias, v.3)